

Intercâmbio é sair do lugar, tem um sentido de desalojar-se

Eduardo Baptista/ assessor PIBA-Brasil/junho de 2005

Após vários contactos com a Coordenação, o projeto e os materiais produzidos nos diversos momentos de construção deste Programa, me parece pertinente ponderar alguns elementos que podem colaborar para a reflexão sobre o processo de construção e adensar conteúdos para sua consolidação e continuidade.

1. A motivação fundamental do intercâmbio está na idéia de comunicar e partilhar ou partilhar e comunicar, não importa a ordem. Nas duas ações está presente a noção do trânsito em dois sentidos, do movimento entre dois pontos, duas organizações, dois campos ou dois países. Por isso o primeiro elemento que gostaria de trazer à reflexão é: estamos conseguindo perceber, identificar os dois pontos do nosso intercâmbio? O que a minha organização quer comunicar? Quando eu não conheço, eu não me integro. E sem exagerar ou fazer trocadilho, quando eu não conheço, eu não me entrego. Creio que isso acontece com as nossas organizações em outras iniciativas e pode estar acontecendo conosco nesse início de Programa.
2. Para eu trocar, dar e receber, eu tenho que conhecer o outro e deixar-me conhecer também. Não seria o momento de perguntarmos-nos, será que já nos conhecemos? O ritmo de construção do Programa não permitiu um tempo maior de diagnóstico para se conhecer as trajetórias e expectativas e saber de cada um quais eram seus interesses e quais as suas disponibilidades. Afinal, intercâmbio sem ter certeza de quem e como são os parceiros e sem trocas muito concretas, pode ficar meio vazio – e cheio de ótimas intenções.
3. Qualquer plano de ação deve começar pelo diagnóstico, que nos fornece elementos para a análise das variáveis internas e externas, e que nos permite precisar e mirar em bons objetivos. Minha sugestão é abriremos uma janela, cada organização participante botar a cara para fora e se apresentar. Tem que ser todos, instituições e pessoas, incluindo coordenadores, financiadores e até assessores. Coisa simples (e curta) para começar. Nada muito burocrático. Pode ser com foto e ilustração! E temos um portal (ou site!) para nos comunicar, entre outras formas.
4. O que eu quero trocar? O que eu quero receber? O que eu tenho para dar? Se ainda não aconteceu para todos, este é o momento onde se deve colocar sobre a mesa (e comunicar) o que eu tenho a oferecer, o que eu posso receber. Não existe intercâmbio onde apenas um ganha. No universo das organizações sociais, “ganhar e perder” pode parecer um pouco fora de órbita, é uma idéia pouco cultivada no meio. No entanto, a alteridade pode ser recíproca.
5. Identificar e revelar o que eu quero ganhar ajuda a descobrir o que eu posso oferecer. A experiência da outra organização pode melhorar a minha? A troca começou a ficar mais rica, cheia de significados novos.

O que o lado de cá tem a partilhar com o lado de lá? No caso das organizações brasileiras – que levam mais anos de experiência e podem estar mais consolidadas – quais são as expectativas concretas que conhecer o lado de lá desperta? Quais as expectativas da nossa organização com relação a Angola? Poderíamos fazer uma lista de motivações? Temos que estabelecer o nosso contrato, onde as partes pactuam interesses, compromissos e responsabilidades.

6. Intercâmbio é sair do lugar, tem um sentido de desalojar-se. Se as nossas organizações estiverem bem estabelecidas mas um pouco anestesiadas por seus muitos compromissos e envolvimento do dia a dia, será difícil sair de si, desalojar-se, olhar para outro mundo. A gente não faz intercâmbio ficando no mesmo lugar. Estabelecer relações de intercâmbio é ligar um ponto a outro, é criar laços, é envolver-se. Só vale a pena entrar no intercâmbio se houver o espírito de transformar e se transformar.

Eduardo Baptista  
[ebaptista@innovatio.com.br](mailto:ebaptista@innovatio.com.br)